

## O INCONSISTENTE LAR MODERNO DOS ANOS 60: UMA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA A PARTIR DA REVISTA CASA E JARDIM<sup>1</sup>

HELENA, Heloisa Martins Mendes Pereira<sup>2</sup>; STUQUE, Vanessa<sup>3</sup>.

<https://doi.org/10.60035/1678-0795.momentum-v2n24-575>

### RESUMO

O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa “O Inconsistente Moderno do Lar”, que examina os interiores residenciais publicados na revista Casa & Jardim nos anos 1960. A investigação se baseia no levantamento de fontes primárias e em metodologia de análise qualitativa de conteúdo por temática, com apoio de uma planilha digital desenvolvida pelas autoras. Os dados já examinados indicam uma hegemonia do estilo moderno, no entanto, este é frequentemente vinculado a seções de sugestões editoriais e não necessariamente a demandas reais de mercado. Os produtos preliminares do estudo apontam para uma promoção por parte da revista da difusão do ideário moderno, e a metodologia adotada demonstrou-se adequada à complexidade do tema.

**Palavras-chave:** moderno; interiores residenciais; revista Casa e Jardim.

### ABSTRACT

This article presents partial results from the research project "The Inconsistent Modern of the Home," which examines residential interiors published in Casa & Jardim magazine in the 1960s. The research is based on a survey of primary sources and a qualitative content analysis methodology by theme, supported by a digital spreadsheet developed by the authors. The data already examined indicate a hegemony of the modern style; however, this is often linked to editorial suggestions rather than to real market demands. The preliminary results of the study point to the magazine's promotion of the dissemination of modern ideas, and the adopted methodology proved appropriate to the complexity of the topic.

**Keywords:** modern; residential interiors; Casa e Jardim magazine.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Mestre em Arquitetura, Tecnologia e Cidades pela FECFAU-Unicamp, Doutoranda e bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Design, Arte e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi, docente de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário UNIFAAT. *E-mail:* heloisa.pe@hotmail.com

<sup>3</sup> Bacharel em geofísica pela USP, técnica em Design de Interiores pelo SENAC RS, graduanda de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário UNIFAAT. *E-mail:* vanessastuque@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A arquitetura moderna, com seus princípios de funcionalidade, racionalidade e estética essencial, emergiu no século XX como um movimento global que prometia revolucionar a forma como as pessoas viviam e interagiam com seus espaços. No Brasil, essa linguagem arquitetônica foi rapidamente assimilada, tornando-se um símbolo de progresso e modernidade e, em muitos casos, foi erroneamente interpretada como uma identidade nacional. No entanto, uma análise mais aprofundada da produção residencial dos anos 1960 revela uma inconsistência notável entre o discurso teórico do modernismo e a realidade prática da ambientação dos lares.

Se é verdade que “cada tendência arquitetônica propaga e justifica sua produção por meio de uma teoria”, nem por isso é preciso ver sempre texto e arquitetura como um todo indissolúvel, sob pena de perder-se, ao menos parcialmente, a autonomia da crítica. Como esclarece magnificamente Francesco Dal Co: “a aparência da coisa, antes de revelar mecanicamente a ideologia de sua produção, existe simplesmente como o lugar onde sua absoluta autonomia do ato que a produziu é revelada [...] E assim ela só pode ser medida, lida, e conhecida, se é vista como autônoma a todas essas ‘realidades’ às quais a historiografia tradicional em geral, e a ideologia arquitetônica, em particular, sempre tentaram amarrá-la” (Zein, 2002, p. 26).

Conforme observa Peixoto (2006, p. 4), a linguagem moderna é frequentemente desmascarada por encontrarmos em seu bojo produções que contradizem a inflexibilidade da sua concepção ideológica, sendo através das “ambientações modernas” residenciais, hoje conhecidas como prática de design de interiores, que a autora verifica as principais características dissonantes entre teorias e práticas.

Esse descompasso no projeto dos interiores residenciais ainda é assunto pouco abordado de forma direta, talvez devido ao entendimento de uma imagem imaculada do autor da proposta arquitetônica, como pela necessidade de revisão que tal observação possa suscitar, visto que estudos focados de autores de renome tendem para uma validação de alinhamento, como vemos em Marlene Acayaba (1981; 2011) e Sanvitto (1994). Outro aspecto que contribui para a ausência de maior investigação e corpo teórico nacional sobre o assunto são os estereótipos carregados pelo design de interiores e pelo espaço doméstico, associados a questões de disputa profissional e de gênero, de modo depreciativo.

Em face aos atuais debates sobre decolonialidade e plurinarrativas, mostra-se necessária a revisão historiográfica das ideologias dominantes e hegemônicas perpetuadas até os dias atuais pela história, dentre as quais está a da linguagem moderna como uma identidade nacional. Entendimento este que é contraditório, visto que o modernismo tem como essência a internacionalidade, não sendo coerente ser a linguagem identitária de um país.

Um objeto de grande relevância para abordar essa contradição são os periódicos da área, que foram grandes precursores de narrativas nos anos 60. Conforme observam Peters e Challitta (2017, p. 121), “revistas sobre variados temas como quadrinhos, moda e decoração foram introduzidos no cotidiano de todos. Isso ocorreu porque, no período, os setores se diversificaram com o surgimento de público especializado para eles”. Com isso, arquitetos e, sobretudo, o público em geral passam a ter acesso e a desejar novas soluções decorativas e de composição dos ambientes. Dentre as revistas veiculadas neste arco temporal, destacam-se a Acrópole e a Casa e Jardim (C&J). Na primeira o público-alvo eram os profissionais da área, sendo classificada como uma revista especializada, enquanto a segunda era proposta para uma audiência geral e, portanto, se classifica como um periódico ilustrado. No âmbito profissional, a propagação das ideologias é mais descomplicada, visto que nem tudo vira prática. Já no social, aspectos associados a aplicação prática e rotineira acabam se sobrepondo aos discursos teóricos dominantes, a complexidade das relações interfere na pureza da doutrina, e isso fica evidente na apreciação dessas duas revistas. O que se observa então é que na C&J, ainda que se propagassem as retóricas dominantes, era preciso dar espaço para outras narrativas de interesse do público não especialista.

Com base no exposto, é que foi proposta e desenvolvida a iniciação científica (IC) “O inconsistente moderno do lar – narrativa historiográfica a partir da revista Casa e Jardim nos anos 60”, realizada durante dois semestres – 2.2024 / 1.2025 –, com apoio do CEPE/UNIFAAT, por docente e estudante da instituição. O objetivo de tal projeto consistiu em investigar, sistematizar e qualificar, a partir do periódico Casa e Jardim, os interiores residenciais dos anos 60, relacionando teoria e prática sob a ótica de narrativas plurais.

A justificativa para tal pesquisa reside no fator de relevância social e acadêmica, de verificação e contribuição com as revisões historiográficas pertinentes à produção de arquitetura e design, buscando preencher um hiato que se manifesta entre as narrativas e as práticas na década de 1960. Como bem coloca Rafael Cardoso (2008), sobre a investigação histórica:

A história não é tanto um conjunto de fatos, mas um processo contínuo de interpretar e repensar velhos e novos relatos, constatação esta que leva a uma indagação de fundamental importância para a história do design: repensar o passado para quê? (...) A resposta reside na conclusão inescapável de que, embora tratando do passado, toda versão histórica é escrita no presente. Todo historiador escreve em um contexto específico para um público atual, e, conseqüentemente, a interpretação do passado apresentada terá impacto no presente. Pode ser que o passado não mude, mas uma mudança na sua interpretação pode alterar completamente a visão, não somente do presente como também do futuro (Cardoso, 2008, p. 17).

Este artigo discorre sobre os trabalhos desenvolvidos no período de vigência da IC, cuja principal diligência foi o levantamento das edições do periódico e o desenvolvimento de uma ferramenta para sistematização das análises quantitativas e qualitativas. Ao final serão apresentados resultados preliminares obtidos durante essas etapas de exploração e investigação do material, que validam os argumentos inicialmente apresentados, de significativa coexistência de construções arquitetônicas modernistas com interiores de ambientação híbrida, incorporando diferentes estilos e elementos que contradizem a pureza e a inflexibilidade da teoria moderna.

## **1 RECORTES E A CONSTITUIÇÃO DE UM ACERVO DIGITAL**

O universo potencial objeto desta pesquisa abrange 10 anos, entre 1960 e 1969, que no periódico *Casa e Jardim* é contemplado por um conjunto de 120 edições mensais e 12 edições especiais, com uma média de 90 páginas por volume. A abundância dessa fonte primária seria inadequada para os limites de tempo, e mesmo para a disponibilidade dos integrantes do projeto, tornando necessária a aplicação de recortes dentro deste universo, capazes de atender aos objetivos da pesquisa e seus enquadramentos.

Para tanto, a primeira medida foi a adoção de uma metodologia que fundamentasse a seleção do material, aplicando-se o método qualitativo de análise de conteúdo por temática, com base em Bardin (2009) e Guerra (2014). A partir de Bardin (2009), Simone Guerra (2014, p.38) define esse procedimento metodológico como “uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta dos mesmos”. Esses autores propõem o desenvolvimento da análise de conteúdo por temática a partir de três fases, cada qual com suas especificidades (Quadro 1).

**Quadro 1 – Fases e respectivas características do método de análise de conteúdo por temática de Guerra (2014), conforme Bardin (2009)**

Fase 1 - Pré-análise	Fase na qual se estabelece uma organização do material, a partir da escolha de documentos/informações relevantes, permitindo-se uma “leitura flutuante” até que a decisão sobre quais informações devem ser consideradas na análise fique mais clara. São regras indispensáveis dessa fase: exaustividade, representatividade, homogeneidade e a pertinência.
Fase 2 - Exploração do material	Nessa fase é necessário criar uma codificação, que neste caso consiste em transformar dados brutos dos textos em temáticas, para que atinja a representação do conteúdo ou sua expressão.
Fase 3 - Tratamento dos resultados	Para se chegar na fase três do tratamento dos resultados, o pesquisador deve realizar as interpretações dos dados a partir da teoria escolhida.

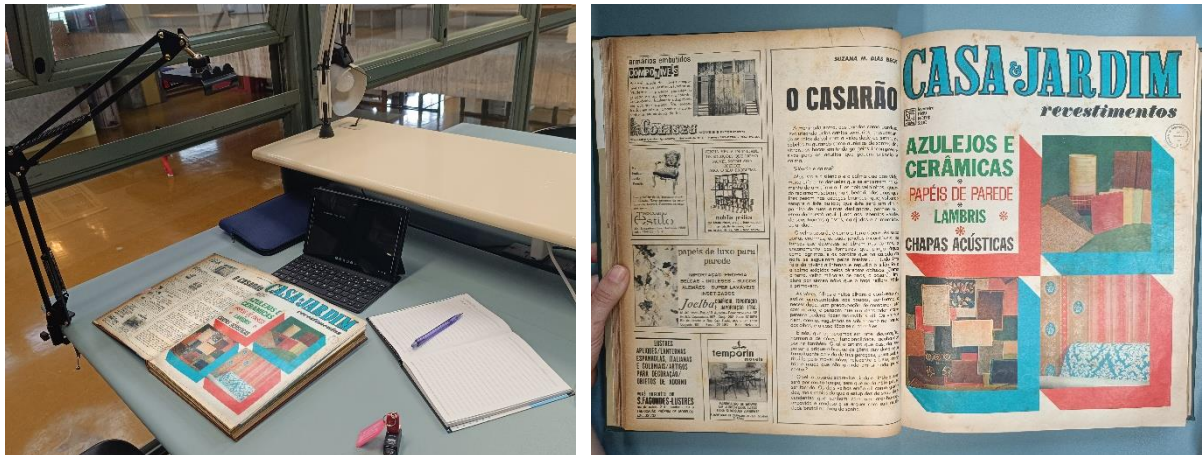
Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Guerra (2014)

Com base nessas etapas, iniciou-se o trabalho de levantamento e constituição de um acervo digital de edições da revista Casa e Jardim, disponíveis para acesso público na biblioteca da FAUUSP. Na etapa de pré-análise da fonte primária, a primeira observação é a organização do periódico em quatro macrosessões principais, que são: propostas projetuais, propagandas e reportagens instrutivas sobre decoração e interiores e sobre artesanato e culinária. Dentre os tópicos identificados, o que possui alinhamento com os objetivos da pesquisa é o referente aos projetos publicados, construídos ou não, que irão possibilitar a leitura entre teoria e prática, e este é o primeiro recorte de conteúdo estabelecido. Após esta definição, realizou-se uma segunda leitura flutuante do conjunto, e constatou-se a existência de mais de 500 itens como universo potencial. Em paralelo a esse levantamento quantitativo, foi possível observar que as edições dos mesmos meses, de anos diferentes, estabelecem relações cronológicas significativas, sendo bastante expressiva a renovação de abordagem presente nos meses de janeiro. Portanto, visando atingir os objetivos iniciais da pesquisa, adotou-se como objetos específicos finais as edições de janeiro dentro do arco temporal, com a análise detida nas obras, executadas ou não, presentes nesses volumes.

Ainda que o enfoque seja especificamente nas propostas projetuais, os números selecionados foram registrados e organizados em sua íntegra, a fim de evitar equívocos na hora do levantamento, mecanizar a atividade de coleta para posterior análise, além de contribuir com a construção de um banco digital que pode vir a ser disponibilizado para outros pesquisadores com interesse na revista. As fotografias foram feitas das páginas lado a lado, com auxílio de um suporte fixo de mesa, celular e controle *bluetooth* (Figura 01). Concomitantes aos registros eram

feitas breves anotações, também digitais no word, dos pontos notados durante o processo. Todo esse material foi reunido e salvo em formato pdf, dividido por edições, que foram armazenadas em pasta do grupo de pesquisa no *onedrive* (Figura 2).

**Figura 01 – Processo de levantamento (à esq.) e enquadramento obtido (à dir.)**



Fonte: Registro das autoras (2024)

**Figura 02 – Diagrama ilustrativo do levantamento das fontes primárias**



Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

## 2 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

A ferramenta de sistematização dos dados foi desenvolvida para a fase 2 de exploração do material, conforme delineado no método de análise de conteúdo por temática de Bardin (2009), retomado por Guerra (2014). Essa etapa compreende a codificação e categorização das informações tangíveis, com o objetivo de transformá-las em unidades significativas que representem as interpretações latentes ou manifestas. A elaboração de planilha digital que organiza os projetos publicados na revista Casa e Jardim foi, portanto, um desdobramento direto do processo de exploração do corpus documental e do esforço de construir uma codificação que permitisse análises qualitativas e quantitativas dos interiores residenciais dos anos 1960. Trata-se de uma etapa fundamental para garantir a objetividade, o rigor metodológico e a



inteligibilidade dos produtos ao longo da pesquisa, além de subsidiar futuras análises interpretativas mais amplas.

A ideia de construção de uma planilha de classificação da produção teve como ponto de partida metodológico a tese desenvolvida por Dely Bentes (2021), especialmente o capítulo no qual a autora relata a constituição de uma tabela para decupagem dos projetos publicados na revista *Casa & Jardim*, no intervalo entre 1977 e 1992. Embora o foco do estudo de Bentes seja a arquitetura residencial e sua inserção na historiografia disciplinar, o método de sistematização proposto por ela — baseado em marcações binárias (0/1), organizado por tópicos e codificação objetiva — serviu como referência inicial para o desenho da estrutura analítica desta investigação. A ferramenta desenvolvida por Bentes (2021) é um exemplo relevante de como a organização sistemática do material viabiliza a análise de um corpus extenso e heterogêneo, com graus variáveis de informação.

Entretanto, a presente pesquisa, ao se debruçar sobre o design de interiores e os modos de ambientação residencial publicados na década de 1960, exigiu o desenvolvimento de uma ferramenta própria, adaptada a esse universo específico. Enquanto a tabela de Bentes (2021) foca em parâmetros arquitetônicos e construtivos das obras, a desenvolvida pelas autoras do artigo é voltada para a identificação de características visuais, decorativas, compositivas e autorais, com especial atenção aos elementos de hibridismo estilístico e aos indícios de participação de decoradores.

A ferramenta foi desenvolvida em formato Excel, com interligação entre planilhas e distribuição em blocos de informação estruturados por categorias de análise. Esse modelo permite a criação de filtros e combinações múltiplas que serão utilizadas na terceira fase da pesquisa — o tratamento dos resultados —, possibilitando visualizações por meio de gráficos, cruzamentos e segmentações por tema, autoria, ano ou estilo.

A primeira aba é constituída pelas 22 colunas-base da planilha, acompanhadas ou não de listagem de itens conforme a temática (Figura 03). Já na segunda aba é que temos a parte a ser preenchida, que por estar vinculada à lista anterior, possibilita maior controle da codificação e dos dados indicados (Figura 04).

Figura 03 – Bloco 1, recorte da aba lista

Revista	Edição	Ano	Descrição da capa	Autor da materia	Título/Matéria	Nome dos Autores da reportagem
				a. Homem		
				b. Mulher		
				c. Não indicado		

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

Figura 04 – Bloco 1, recorte da aba tabela

Revista	Edição	Ano	Descrição da capa	Autor da materia	Título/Matéria	Nome dos Autores da reportagem
Casa e Jardim	Nº60	1960	A casa espelha a vida que leva	a. Homem	Casas paulistas de outrora	Vinício Stein de campos

a. Homem

b. Mulher

c. Não indicado

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

As colunas se dividem em quatro grandes blocos, sendo o primeiro composto por informações gerais das revistas e matérias analisadas, como o nome da própria revista prospectando o uso dessa ferramenta em outros periódicos da área, o número da edição, data de publicação, descrição temática da capa, título das matérias e informações sobre os autores, nome e gênero. Esse conjunto de campos visa construir um mapeamento básico do corpus, possibilitando uma leitura temporal e estrutural do editorial. Nessa parte a maioria dos dados, por ser de natureza variável, é preenchida de forma manual, com exceção do gênero dos autores (Figuras 3 e 4).

O segundo grupo organiza as informações relativas aos projetos, com ênfase para identificação do autor, sua profissão e indicação do gênero, se as propostas são assinadas por mulheres, homens ou por equipes mistas. Inclui também informações sobre o status do projeto, ano de referência, região, uso, área e a indicação de quais desenhos estão presentes na matéria. Esses produtos constituem um núcleo importante de análises, evidenciando questões pertinentes ao gênero, tipologia, localidade, entre outras (Figuras 5, 6).



Figura 05 – Bloco 2, recorte da aba lista

Tipo de Projeto	Gênero dos Autores	Profissão dos autores do projeto	Nome dos autores do projeto	Ano de Construção	Região	Uso	Área estimada	Desenhos
a. Projeto	a. Feminino	a. Arquiteto			a. Região Norte	a. Urbano	a. Até 100 m²	a. corte
b. Construído	b. Masculino	b. Decorador			b. Região Nordeste	b. Campo	b. De 101 m² a 299 m²	b. fachada
c. Reforma	c. Sem informação	c. Reporter/Escritor			c. Região Sul	c. Praia	c. Acima de 300 m²	c. perspectiva
d. Decoração		d. Sem informação			d. Região Sudeste	d. Sem informação	d. Área indicada na matéria	d. planta
					e. Região Centro-oeste		e. Sem informação	e. desenho completo
					f. Sem informação			f. planta e fachada
								g. corte e planta
								h. planta e perspectiva
								i. Sem informação

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

Figura 06 – Bloco 2, recorte da aba tabela

Status do Projeto	Gênero do(s) Autore(s) do projeto	Profissão dos autores do projeto	Nome dos Autores do Projeto	Ano de Construção	Região	Uso	Área estimada	Desenhos
b. Construído	c. Sem informação	d. Sem informação	Sem informação	século XVII	d. Região Sudeste	c. Praia	b. De 101 m² a 299 m²	i. Sem informação

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

Em seguida, um terceiro grupo foi criado para registrar os elementos pertinentes aos interiores, levantados a partir das imagens e texto das matérias. O primeiro dado é a identificação da linguagem compositiva, para tanto foram criadas codificações que indicam se a designação consta na própria redação da revista ou se foi feita pelo grupo de pesquisa a partir das imagens. A seguir são relacionados os atributos referentes ao estilo, às formas que predominam. A indicação de fornecedor associado foi uma inclusão que ocorreu após o início do preenchimento da planilha, a partir da análise do periódico, que com um intuito comercial frequentemente associa os projetos como veículo de propaganda de prestadores de serviço e lojas especializadas. Por fim, são levantadas informações pertinentes aos clientes do projeto, se existem indicações no texto e quais são elas.

Figura 07 – Bloco 2, recorte da aba lista

Linguagem estética da composição	Atributos visuais que justificam a linguagem estética identificada	Formas predominantes	Fornecedor associado	Referências ao cliente	Descrições qualitativas
a. Moderno CJ		a. curvas	a. sim	a. sim	
b. Colonial CJ		b. retas	b. não	b. não	
c. Clássico CJ		c. híbrida			
d. Neo-Clássico CJ		d. Sem Informação			
e. Art decor CJ					
f. Pós-moderno CJ					
g. Híbrido CJ					
h. Moderno HV					
i. Colonial HV					
j. Clássico HV					
k. Neo-Clássico HV					
l. Art decor HV					
m. Pós-moderno HV					
n. Híbrido HV					
o. outros					

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

Figura 08 – Bloco 2, recorte da aba tabela

Linguagem estética da composição	Atributos visuais que justificam a linguagem	Formas predominantes	Fornecedor associado	Atributos ao cliente	Descrições qualitativas
b. Colonial CJ	mobiliário/decoração/layout e estilo geral colonial	c. híbrida	b. não	a. sim	distinto casal, entusiasmo pelo passado, requinte social de outrora,

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

A ferramenta conta ainda com um bloco complementar de observações, onde foram inseridos comentários livres e subjetivos sobre cada projeto. Esse campo permitiu registrar questões que escapam à codificação, como incoerências entre texto e imagem, contradições entre discurso e prática, ou mesmo aspectos editoriais relevantes para a leitura do conteúdo. Embora esse campo não seja passível de análise estatística direta, ele é essencial para a etapa interpretativa da pesquisa e para complementação dos parâmetros analíticos adotados.

Figura 09 – Bloco 2, recorte da aba tabela

Observações
A matéria mostra duas casas, a primeira é a sede do sítio do Padre Inácio, que segundo o autor da matéria deveria ter sido preservada. A segunda, considerada como objeto de análise é a residência do litoral do casal - Dr. Egon Falkenberg e D. Lúcia Piza Figueira de Melo Falkenberg. Frase final da reportagem menciona contraponto da casa com a era moderna.
Nessa matéria os projetos tem desenhos de plantas e perspectivas. A escrita indica como sendo um projeto real, no entanto não tem fotos dele executado.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

Por fim, destaca-se que a estrutura da ferramenta foi pensada para ter flexibilidade e escalabilidade, de forma a poder ser ampliada com novos dados, refinada com categorias mais específicas e aplicada futuramente a outras edições ou periódicos similares. Sua construção não partiu de um modelo fechado, mas de um processo progressivo de identificação de padrões e repetição de elementos, próprio da leitura temática do material. Assim, a tabela cumpre um duplo papel: de sistematização do corpus e de construção de uma métrica de leitura historiográfica sobre os interiores residenciais dos anos 1960 publicados nas edições de janeiro da revista Casa e Jardim.

Esse procedimento não apenas garante maior controle sobre as informações levantadas, mas também representa uma mediação entre o quantitativo e o qualitativo. A materialização do conteúdo em números possibilita a extração de padrões recorrentes, ao passo que o diálogo constante com as imagens e os textos publicados permite problematizar as narrativas presentes na revista. Com isso, a ferramenta digital desenvolvida nesta etapa se consolida como um dispositivo metodológico essencial da pesquisa e será a base para os gráficos e análises apresentados na próxima seção do artigo.

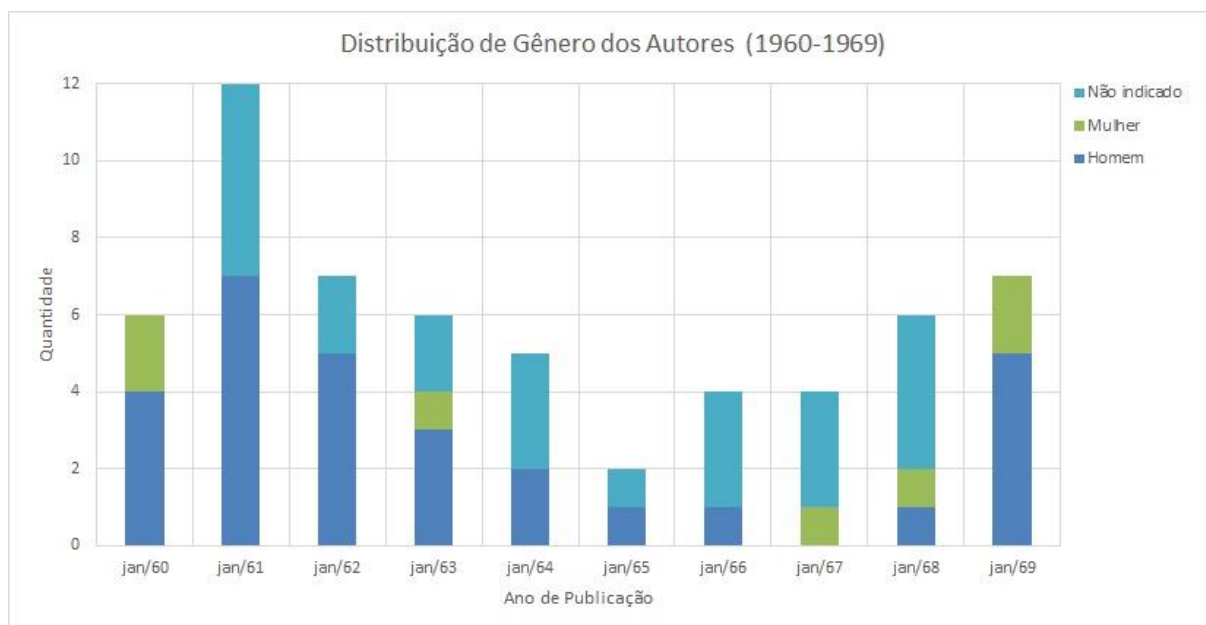
### **3 PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UMA HISTORIOGRAFIA EM CONSTRUÇÃO**

A revista Casa & Jardim foi criada em 1953 pela editora Monumento, com o objetivo de atender um público não especializado, interessado em construir, decorar ou melhorar suas residências. Inicialmente com periodicidade bimestral, passou a ser publicada mensalmente a partir de 1955. Pioneira na segmentação editorial brasileira, posicionou-se entre os primeiros títulos voltados exclusivamente aos temas da casa, decoração e bem-estar (Bentes, 2021).

A investigação das edições de janeiro, entre 1960 e 1969, ainda em curso, valida alguns pontos observados por outras pesquisas e premissas estabelecidas no projeto de iniciação científica. Apesar de muitas vezes classificada como “revista feminina”, com grande enfoque neste público, o que se observa nos volumes estudados é que na prática projetual a predominância é de autores homens, mesmo na proposição dos interiores e decoração (Gráfico 01). Essa desigualdade também se estende para as décadas seguintes, segundo o estudo de Dely Bentes (2021). Quando mencionadas as mulheres, nem sempre são reconhecidas como profissionais, as menções costumam vir acompanhadas de referências que reforçam estereótipos de fragilidade ou informalidade, como também observa Turpin (2001). Relacionado a essa temática, destaca-se ainda que a indicação dos autores dos projetos na

revista *Casa & Jardim* está frequentemente incompleta, com ausências recorrentes e, por vezes, atribuições genéricas, o que dificulta a identificação precisa dos profissionais envolvidos e compromete as devidas atribuições de autoria.

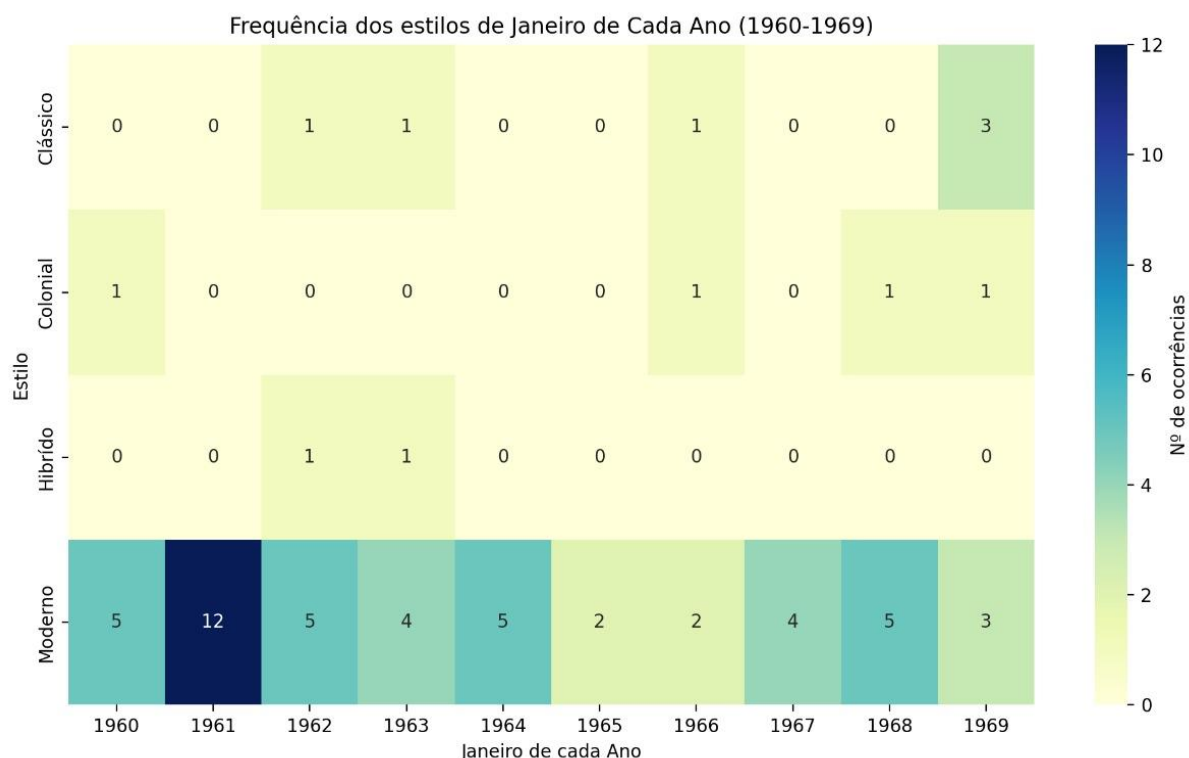
**Gráfico 01 – Gênero dos autores de projeto**



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Já a análise preliminar em relação à frequência dos estilos publicados nas edições de janeiro do periódico, entre os anos de 1960 e 1969, identificou a predominância do estilo moderno ao longo de toda a década. Com presença contínua em todos os anos analisados e pico expressivo em 1961 (12 ocorrências), o moderno se consolida no levantamento quantitativo como a principal linguagem estética veiculada pela revista nesse período, alinhando-se aos ideais de funcionalidade, progresso e racionalidade característicos da modernidade arquitetônica brasileira do período. Em contrapartida, estilos como o clássico, o colonial e o híbrido aparecem de maneira esporádica, com pouca representatividade e distribuição pontual ao longo dos anos. Notadamente, observa-se um leve movimento de diversificação estilística nos anos finais da década, especialmente em 1969, quando três estilos distintos são registrados simultaneamente. Essa abertura para outras linguagens pode indicar uma resposta editorial às transformações culturais em curso, revelando uma gradual flexibilização dos paradigmas modernos na construção da imagem do lar brasileiro.

Gráfico 02 – Linguagem da composição



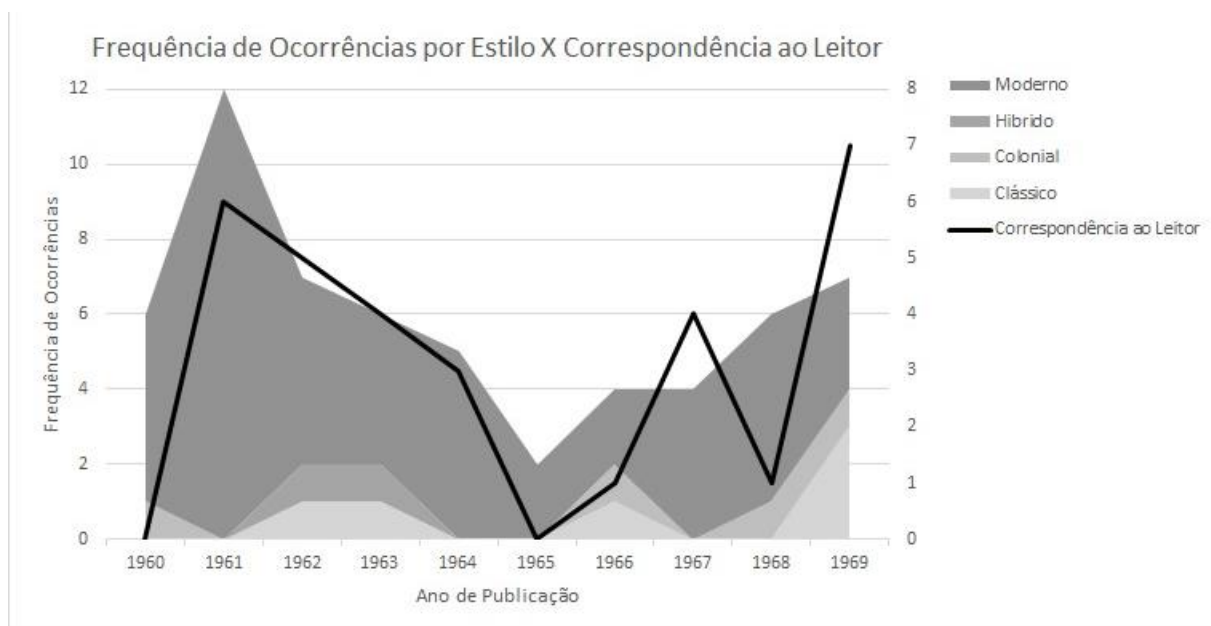
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Contudo, durante os levantamentos, observa-se que a recorrência da estética moderna está associada em grande parte à seção de respostas e sugestões ao leitor, que era uma temática comum nesse tipo de periódico, e consistia em proposições projetuais elaboradas pela equipe da revista que eram disponibilizadas para o público (Gráfico 03)<sup>4</sup>. Então, o cruzamento entre a frequência de estilos publicados e a quantidade de correspondências ao leitor manifesta que o predomínio do moderno na Casa & Jardim não corresponde, necessariamente, a uma demanda direta do mercado. Embora os anos de maior ocorrência coincidam com picos de participação dos leitores, a análise dos conteúdos mostra que boa parte dos projetos modernistas divulgados são propostas não construídas, criações assinadas por profissionais integrantes do corpo editorial C&J (Figuras 11 e 12). Esse dado indica que a revista atuou não apenas como vitrine de tendências, mas também como agente ativo na proposição e difusão do ideário moderno,

<sup>4</sup> As seções dessa temática mudam de nome ao longo dos anos, tendo se iniciado em 1960 como correspondência ao leitor, sendo adotada para fins de codificação essa designação, uma vez que o objetivo do segmento se mantém o mesmo.

alinhando-se às retóricas arquitetônicas do período. Tal interpretação vai ao encontro do que autores como Colomina (1994) já apontaram sobre o papel da mídia na arquitetura moderna, de que os meios de comunicação especializados não apenas documentavam ou refletiam o ambiente projetual, mas se propunham a construir os imaginários e os modos de habitar por meio de estratégias discursivas e visuais. Por mais que a revista *Casa e Jardim* seja considerada uma revista ilustrada, a sua temática tem como foco a área de arquitetura e decoração, e o levantamento manifesta que, mesmo nesse periódico voltado para o público leigo, observa-se um alinhamento significativo com os cânones modernistas. Mas a expressiva elevação no número de correspondências em 1969, ano marcado por maior diversidade estilística, sugere que a abertura a outras linguagens pode ter favorecido uma interlocução mais efetiva com os leitores, apontando para tensões e negociações entre prescrição editorial e recepção do público.

**Gráfico 03 – Linguagem da composição correlacionada a seção específica.**



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)



Figura 11 – Páginas de orientação projetual da revista Casa e Jardim, edição de janeiro 1968

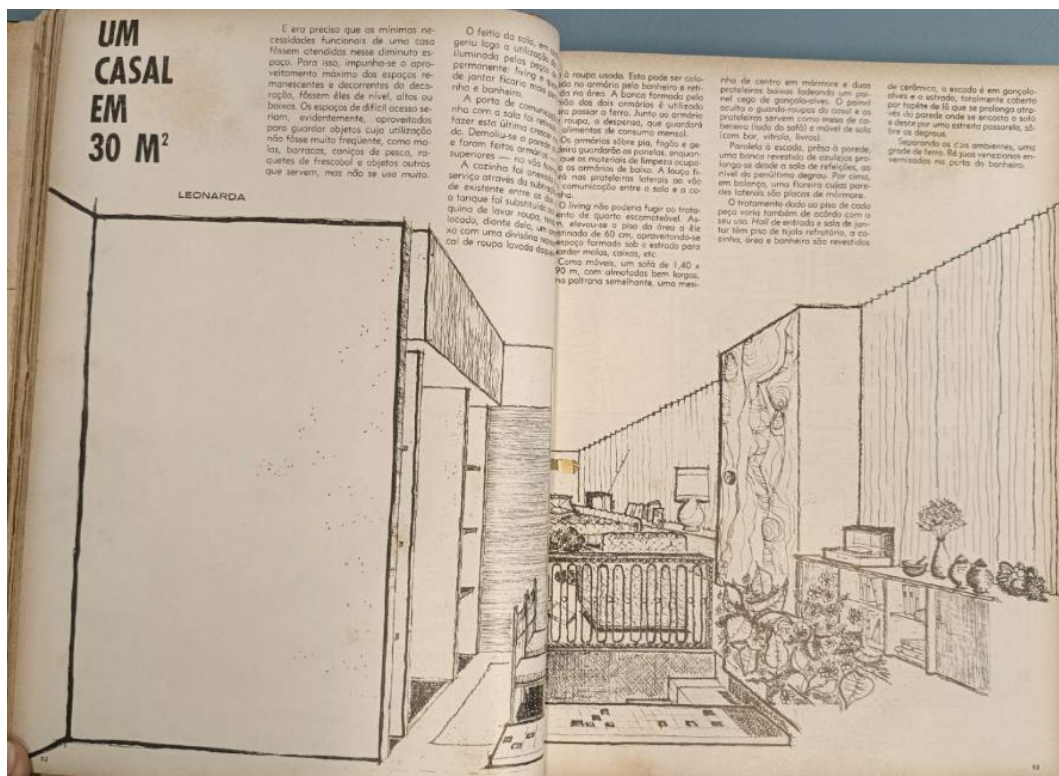
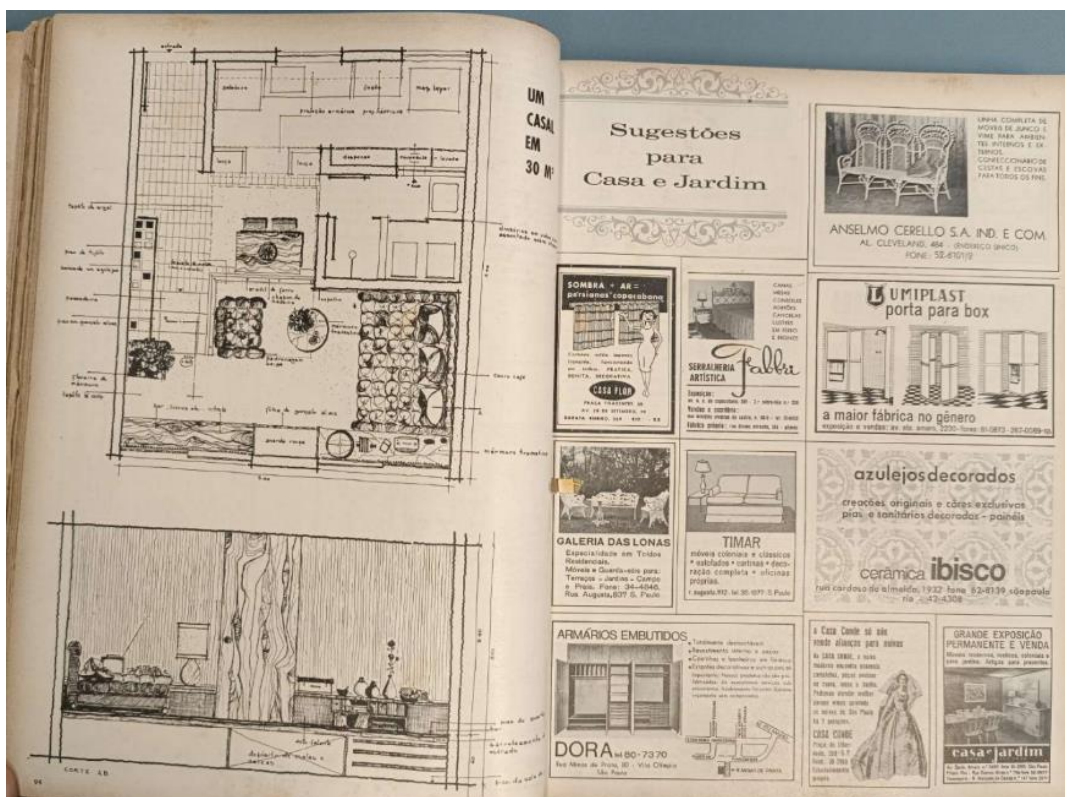


Figura 12 – Páginas de orientação projetual da revista Casa e Jardim, edição de janeiro 1968.



Fonte: Registro das autoras, da revista Casa e Jardim jan./1968 (2024)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a pesquisa ainda esteja em curso, as impressões preliminares já se mostram significativas para os objetivos traçados. O levantamento realizado a partir das edições de janeiro da revista *Casa & Jardim*, entre 1960 e 1969, evidencia, sim, uma significativa presença do discurso moderno, mas também aponta fissuras significativas quanto à hegemonia desse paradigma, especialmente quando se observa o periódico com olhar atento às contradições entre teoria e prática, aos atravessamentos comerciais e às subjetividades presentes nas retóricas editoriais.

O método de análise de conteúdo por temática, conforme delineado por Bardin (2009) e Guerra (2014), revelou-se adequado e coerente com a proposta de investigar a relação entre narrativas e a produção de ambientação residencial. A flexibilidade da planilha de sistematização construída — com múltiplas entradas, filtros e campos de observação — tem sido fundamental para dar conta da complexidade dos dados e para permitir articulações entre números e narrativas.

Destaca-se ainda o valor da interrelação entre os levantamentos quantitativos, obtidos com rigor sistemático, e as percepções qualitativas, derivadas da leitura atenta do periódico. Essa dupla via de análise enriquece a interpretação, como se pode observar na identificação do papel da *Casa e Jardim* como agente ativo na difusão do ideário moderno. A associação frequente entre projetos modernos e seções editoriais de sugestões ao leitor reforça o entendimento de que muitas propostas não partiam de demandas concretas do mercado, mas sim de intenções editoriais de formação de gosto e prescrição de padrões. Assim, o processo investigativo em andamento não apenas confirma a pertinência da abordagem adotada, como também revela o potencial da metodologia para aprofundar a historiografia do design de interiores e da cultura doméstica no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ACAYABA, Marlene Milan de Azevedo. **Branco & Preto: Uma história do design brasileiro nos anos 50.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1981.

ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo 1947 – 1975.** 2 ed. São Paulo: Romano Guerra, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2009.

- BENTES, Dely. **Crônica ilustrada de uma arquitetura cotidiana**. Projetos residenciais publicados na revista Casa & Jardim (1977-92). 2021. [Tese de doutorado PROARQ-UFRJ], Brasil.
- COLOMINA, Beatriz. **Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media**. Cambridge: MIT Press, 1994.
- CARDOSO, Rafael. **Uma Introdução à História do Design**. 3. ed. São Paulo: Blucher, 2008.
- GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014.
- PEIXOTO, Marta Silveira. **A sala bem temperada: interior moderno e sensibilidade eclética**. 2006. Tese de doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Rio Grande do Sul. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura – PROPARG. São Paulo e Porto Alegre, 2006.
- PETERS, Carlos Eduardo M.; CHALLITTA, Nathalia C. O design de interiores nas habitações brasileiras na década de 60. **Contemporânea: Revista Uniletoledo - Arquitetura, Comunicação, Design e Educação**, v. 2, p. 116-129, 2017. Disponível em: <http://ojs.toledo.br/index.php/contemporanea/article/view/2645>. Acesso em: 03 dez. 2025.
- SANVITTO, Maria Luiza Adams. **Brutalismo paulista: uma análise compositiva de residências paulistanas entre 1957 e 1972**. Dissertação de mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.
- TURPIN, John. Omitted, devalued, ignored: Reevaluating the historical interpretation of women in the interior design profession. **Journal of Interior Design**, v.27, n. 1, p.1–11, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1939-1668.2001.tb00361.x>. Acesso em: 03 dez. 2025
- ZEIN, Ruth Verde. **Brutalismo, Escola Paulista: entre o ser e o não ser**. Porto Alegre: ARQTEXTO, 2002.